

16.

- 2 Estava eu cosendo na minha almofada,
 minh'agulha d'ouro e mê dedal de prata,
 passou um cavaleiro e pedira poisada,
 4 e mê pai lha dera e com isso ê nã me folgara.
 Pela meia-noite a mê pai me roubara.
 6 Iam pelo caminho e fui degolada.

Tinha um cruzeiro. E depois fizeram ùa ermida a Senhora Santa Iria.

Dali a sete i-anos por ali passara.

E ele perguntou:

- 8 — Quem é esta ermida tão bem apresentada?
 — É de Santa Iria, que morreu degolada.

E ele entrou p'ra dentro e disse:

- 10 — Senhora Santa Iria, mês amores primeiros,
 perdoa-m'a morte, qu'ê serei tê romeiro.

156

REVISTA DE CULTURA AÇORIANA

- 12 — Nã te perdoo a morte, ladrão traiçoeiro,
 que me degolaste coma um cordeiro.

E ele repetiu três vezes:

- 14 — Senhora Santa Iria, mês amores primeiros,
 perdoa-m'a morte, qu'ê serei tê romeiro.

E ela tornou a dizer:

- 16 — Nã te perdoo a morte, ladrão traiçoeiro,
 que me degolaste coma um cordeiro.

Depois ele tornou a dizer:

- 18 — Senhora Santa Iria, mês amores primeiros,
 perdoa-m'a morte, qu'ê serei teu romeiro.

E ele disse, e ela disse então:

- 20 — Vai vestir d'azul e tam'ém d'amarelo;
 mal te queira Deus, pois s'ê mal te quero.

(Recitado por Maria Joaquina Barcelos.
 Altares, 11 de Julho de 1977)

Me! Costa Fontes
 1990